

Sarney alerta contra incendiários

Diz que o País toma um caminho sem volta mas há tempo para a razão

"Estão querendo tocar fogo no nosso Brasil". O alerta foi feito ontem pelo presidente José Sarney no seu programa semanal *Conversa ao Pé do Rádio*, às 6 horas da manhã, depois de afirmar que "estamos caminhando por um caminho sem volta", mas que ainda existe tempo para um "chamamento à razão". O presidente Sarney não quis apontar os incendiários, alegando que não adianta, no momento, procurar os responsáveis.

O presidente Sarney, que na semana passada utilizou o mesmo tom para dizer que não tem medo, disse que o ambiente conturbado pelo qual o País passa é decorrente da divisão dos partidos políticos, das facções políticas, da falta de programas, da insegurança de posições, e das ambições descontroladas. Esse clima, completou, serve para germinar os "agitadores", os pregoeiros de desgraças, os usurpadores, aqueles que querem a ruptura das instituições e o fracasso de todas as soluções".

Muitos, como fariseus, falam agora de corrupção. Estes são os que mais permissivamente têm usado a nossa sociedade. Os momentos de hedonismo que presenciávamos nestes dias afirmam esse farisaísmo. No Brasil, as campanhas contra a corrupção não são campanhas em defesa de um comportamento ético e de uma moral inatacável. São muitas vezes bombos para esconder campanhas políticas com vista ao poder — afirmou Sarney.

Para o Presidente, não é possível que o País fique entregue a coisas seme-

lhantes, que se "vilipendiam os homens públicos com tamanha irresponsabilidade". Os ataques, em sua opinião, são na maioria das vezes feitos pelos "usufrutuários de uma sociedade explorada e empobrecida", assim como de alguns políticos sedentos do poder, frustrados, dos "exploradores do povo".

— Eu não estou lutando por mandato. Eu estou lutando pela transição democrática. E com grande sacrifício — garantiu Sarney, acrescentando que vem fazendo esforço para que o País consolide suas instituições para voltar à normalidade, "porque vou passar pelo poder sem saber o que é o poder", disse, repetindo mais uma vez que ele não o deslumbra e não o seduz.

"Não vamos nos dispersar", apelou Sarney, depois de observar que as pessoas que assumiram o ônus de fazer a transição democrática, não devem ficar intimidadas "diante dos velhos interesses que souberam nos dividir e nos separar". Ele garantiu que não tem contribuído para a conturbação, dizendo que a sua tolerância é um exemplo.

Sarney reafirmou que "ninguém me intimida", e que vai continuar lutando, combatendo, com otimismo, sem desertar, enfrentando tudo até o fim, sem se afastar do seu equilíbrio, prudência e compromisso com o povo. Por isso, ele pediu novamente que "não vamos nos dispersar", argumentando que "da nossa diáspora poderá o País cobrar um preço que nós não podemos pagar", finalizou.

EUGENIO NOVAES

CORREIO BRAZILIE

O QUE ELE DISSE

Brasileiras e brasileiros, bom dia.

Aqui vos fala o presidente José Sarney, em mais uma *Conversa ao Pé do Rádio*, nesta sexta-feira, de fevereiro, dia 19.

Volto a tratar do problema político. A minha crença é de que aí residem nossos problemas econômicos. A divisão dos partidos, as facções, a falta de programas, a insegurança de posições, as ambições incontroladas, tudo faz disso um ambiente de séria conturbação. Forma-se um caldo de cultura onde medram, principalmente, os agitadores, os pregoeiros de desgraças, os usurpadores, aqueles que querem a ruptura das instituições e o fracasso de todas as soluções. Eu tenho dito que nada dará certo se não tivermos o apelo do povo. Mas, as ambições desencadeadas manipulam o povo, o exploram, e fazem massa de manobra.

Muitos, como fariseus, falam agora de corrupção. Estes são os que mais permissivamente têm usado a nossa sociedade. Os momentos de hedonismo que presenciávamos nestes dias afirmam esse farisaísmo. No Brasil, as campanhas contra a corrupção não são campanhas em defesa de um comportamento ético e de uma moral inatacável. São muitas vezes bombos para esconder campanhas políticas com vistas ao poder. E não é possível que este País fique entregue a coisas desse tipo e se vilipendiam os homens públicos com tamanha irresponsabilidade. E muitas vezes os ataques vêm dos usufrutuários de uma sociedade explorada e empobrecida, de alguns políticos sedentos do poder, frustrados, dos exploradores do povo e dos aliciados aos interesses os mais escusos possíveis.

Eu não estou lutando por mandato. Eu estou lutando pela transição democrática. E com grande sacrifício.

Estou lutando para que o Brasil consolide suas instituições. Para que o País volte à normalidade. Porque vou passar pelo poder sem saber o que é o poder. Ele não me deslumbra e nem me seduz. Nós, que assumimos a posição de defender a transição, de fazê-la, de construir as mudanças, não podemos ficar intimidados diante dos velhos interesses que souberam nos dividir e nos separar. Não vamos nos dispersar. Eu não tenho contribuído para isso. E minha tolerância é um exemplo.

Por isso, eu repito, não vamos nos dispersar. Ainda há tempo para um chamamento à razão. Porque nós estamos caminhando por um caminho sem volta. Como eu disse na semana passada, estão querendo tocar fogo no nosso Brasil.

Os responsáveis? Neste instante não adianta procurar responsáveis. O que adianta é dizer que o povo brasileiro não merece ver suas aspirações truncadas pela conduta de poucos. Nós confiamos nos políticos patriotas, de bem, sacrificados e que são a maioria.

Eu tenho de reafirmar que ninguém me intimida, que vou continuar em frente, lutando, combatendo, com otimismo, sem desertar, sem ter medo, disposto a enfrentar tudo até o fim, com o meu dever. Sem me afastar do meu equilíbrio, da minha prudência e do meu compromisso com o povo.

Mas, fica aí a lembrança daquela frase: "Não vamos nos dispersar". Da nossa diáspora poderá o País cobrar um preço que nós não poderemos pagar.

Bom dia, muito obrigado e até a próxima semana.

20-2-88

Brossard: Paciência de Sarney é grande

"Se o presidente José Sarney não fosse um homem tão prudente, tolerante e paciente, eu tenho a impressão de que os acontecimentos teriam sido diferentes". A afirmação foi feita ontem à noite no Palácio do Planalto, pelo ministro da Justiça Paulo Brossard, ao responder a pergunta de um repórter sobre o perigo das campanhas contra o governo, que vêm ocorrendo ultimamente. Segundo o Ministro, "existe um espírito mais ou menos desvaivado e generalizado de críticas ao gover-

no", que ele não identifica qual o propósito.

Defendendo o governo Sarney, o Ministro lembrou que "estamos saindo de um regime autoritário para a democracia e até agora não houve retrocesso". Acrescentou que "a impressão é que há pessoas desejando o fim desse estado". Ele creditou à ditadura, "a falta de costume de divergirmos politicamente", lembrando que "não podemos continuar indefinidamente com essa campanha de devastação a tudo e a todos".